



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## REGISTO BIBLIOGRÁFICO

---

A escassez de tempo e a alteração de saúde entapilham-me o singelo correr desta prosa, não alcançando, nem pretendendo mais do que é afinal — um cartão de agradecimento. A crítica, complexa e doutoral, ou espirituosa e rápida, não andaria em tratos e palpos de aranha para abichar-se num recanto de província. Por isso mesmo talvez, encolhendo-se ao despreconcebimento de quanto valorizariam suas obras, os nossos escritores, agasalhando-as nas bibliotecas dispersas no seu e nosso Portugal, mais além dos quatro palmos do engenho na corte, — o fatalíssimo Terreiro do Paço do nosso fado, assoprando-as ou beixigando-as, muitas vezes ao sabor e ao como calha dos distritos literários demarcados pela área do grupo ou relações — Como 'stá Você — de cafés e teatros, — raro deitam até cá cima um livro, um estudo, um obsequio de suas luzes fulgentíssimas. Não me entristece, nem azeda. Digo. É certo com verdade e tino.

*Alfredo Pimenta* desenjeita a sem autoridade da minha homenagem à sua obra de artista. Fui dos primeiros que o destoquei, na mística poesia dum turgório de Coimbra, com uma livralhada imensa, panos negros, a caveira, círios — e o grande esplendor das horas de mocidade, e a chama irrequieta do nosso sonho —, adoentando-se em tôdas as ansiosas e desvaibradas torturas da vida espiritual. Esta coisa simples e enorme — ler, esta coisa inatingível e soberba — escrever. O que os outros arrancaram lá de dentro. O que nós trazíamos no cérebro e no coração. Depois, segui-o, com fraternal orgulho, não me deixando quebrantar nas pequenices da vida, pelo seu caminho de sonhador ardente e apaixonado. A maré do século espadanava à sua volta. Literatura, filosofia, política.

Acima a arte — a espuma, a estrêla. Tenho a responsabilidade, mesmo, dos primeiros elogios, sinceros e destemidos, que lhe afoitaram a amedrontice do artista ante o enigma, decifrável, achadíssimo, do público. E o mais que atinaria dizer, hoje que o vejo aclamado por onde já não posso acompanhá-lo, de tanto me ficar atrás, era o — estou vingado! —, na satisfação de ver excedidos os vaticínios que se atribuíram a preconceitos de estima e ladainhas banalíssimas de camaradagem. O meu senso crítico, rudimentar mas sereno, não se enganara. E estas fáceis e useiras profecias são de calhar feitas por desconhecidos peregrinos, como eu, que se toparam uma vez, na arrancada, e depois se perdem de vista e recordam apenas ao sabor do episódio.

Os seus dois últimos trabalhos — *O Livro das Chymeras* — e — *Coimbra* — (*Portugalia* — Editora — Lisboa: Rua do Carmo, 75) destacam-se a meu ver, em natural evolução dum espírito superior e culto, pela naturalidade, pelo enternecido lirismo, pelo compreensivo sofrimento da paixão, a paixão moderna que é quasi apenas um beijo que se abre em súplica e desmaia em prece. Comove e perturba, enfeitiça, e por vezes, como tôdas as tentações perigosas, arrepela e bate na cadência modulada, triste, muito lusiada.

E já outro poeta. *César de Frias* — *Nossa-Senhora Eva* — (*Lyman: Empresa Internacional Editora* — Sede: 132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa) há-de perdoar-nos mas tem seus quês de mau. Quem se mostrou o contestista distinto, marcando, numa color admirável, do *Ao sópro da vida*, com qualidades psicológicas e de observação penetrante, e possuía os seus recursos de prosador feiticeiro, nervoso, descritivo, no lance, e preciso tanto na paisagem da natureza como na agreste da alma, não devia assim, a pouco espaço, vir surpreender-nos com outra revelação tam brilhante da sua inteligência como a dêsse livro, que temos como singelamente encantado. E fica-nos raiva se, um dia, se decide por um só dos caminhos trilhados, porque tanto sentiríamos a sua falta no conto como na poesia. *João Saraiva*, o poeta ilustre e subtilmente irónico, focou maravilhosamente a doce luz que da obra vem subindo como na manhã duma primavera harmoniosa.

Que admirável trabalhador — *Agostinho de Campos* —! Já aqui, ainda não acabadas na leitura, mais duas obras — *O Homem, lobo do Homem* — e — *Portugal em campanha* —, II e III vol. do — *Comentário leve da Grande Guerra* — (*Livrarias Aillaud e Bertrand* — 1921) —, que, em grande parte, já conhecia das crónicas jornalísticas ao improviso no decorrer do drama, que não findou ainda, nem mesmo se enxerga o termo da anarquia de leis a leis em que nos resvalou. Então, e dobradamente agora, eu via nêsse comentário fugidio e claro, flagrante e doce, de pensamento e ironia, a mais filosófica, a mais apropriada anotação ao que se passava no assombro do mundo. As grandes pandectas, calhamaçudas e pomposas, ordinário pecam por falta de sinceridade. A reacção no primeiro momento é mais humana — daí a sua ligeireza, mas a sua precisão. A amarga página final do *Homem, lobo do Homem* arripia-nos como duro castigo. Admiro cada vez mais êste valeroso e incansável educador.



A propósito da respiga fialhesca, que trouxemos ao último número, recebemos a seguinte carta, dum nosso prezado e distinto assinante, a quem protestamos o nosso agradecimento, confessando-nos inteiramente de acôrdo com a sua opinião.

«Pôrto, 28 de Dezembro 1921. — Ex.<sup>mo</sup> Sr.: Assinante e leitor da «Revista de Guimarães» vi a pág. 348 no interessante artigo de V. Ex.<sup>a</sup> «Registo Bibliográfico» as seguintes notas sôbre as palavras de Fialho — churriguerescos portões —: do cast. Churro — sujo?. A interrogação creio indicar dúvida da parte de V. Ex.<sup>a</sup> e em minha opinião justificada. A palavra «churrigueresco» é castelhana, sendo o seu significado uma modalidade espanhola do estilo barroco de que fôra iniciador o architecto Churriguera, falecido em 1723, e em voga no último quartel do Séc. XVII e três primeiros do Séc. XVIII. Há em Portugal uma obra neste estilo: um palácio inacabado na freguesia de Vila Boa de Quires do concelho de Penafiel. — De V. Ex.<sup>a</sup> Admirador obr., *J. Barreiros.*»

O nome de *Fialho d'Almeida* valeu-nos ainda a cativante oferta das obras seguintes, cujos merecimentos estão e justamente distinguidos:

ALBERTO SAAVEDRA:

*A Linguagem Médica Popular de Fialho*

Reimpressão, revista e melhorada, de uma separata do «Portugal Médico»  
(Tip. da «Renascença Portuguesa». Pôrto — 1916);

*A Linguagem Médica Popular*

Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto  
(Tip. da «Renascença Portuguesa». Pôrto — 1919);

ANTÓNIO BARRADAS:

*Fialho, Médico*

Separata do livro — *In Memoriam* — organizado por António Barradas e Alberto Saavedra no 6.º aniversário da morte do escritor — 4-3-17  
(Tip. da «Renascença Portuguesa». Pôrto — 1917).



SOUSA COSTA:

*A Fera*

Edição de *A Novela Portuguesa*  
(Calçada da Tapada, 126, 2.º — Lisboa);

VISCONDE DE CARNAXIDE:

*Homenagem a Ruy Barbosa  
no seu jubileu literário*

Oração lida em sessão da Academia das Ciências de Lisboa (6-3-1919)  
(Lisboa — Imprensa Nacional — 1921).

São obras que muito agradecemos.

EDUARDO D'ALMEIDA.